

RELATÓRIO CIENTÍFICO N. 2

BOLSISTA: Camila Russo de Almeida

ORIENTADOR(A): Marisa Philbert Lajolo

PROCESSO: 07/53862-9

BOLSA DE IC

INSTITUIÇÃO: Fac. Filosofia Letras Educação/ UPM

ÁREA: LETRAS

PROJETO: Era uma vez um autor e seu estilo... (A correspondência de Monteiro Lobato como documento da formação do autor).

INÍCIO DA BOLSA: 01set07

TÉRMINO: 31ago08

RESUMO DO PROJETO: A partir de 1903, o escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) começa a corresponder-se com seu amigo Godofredo Rangel (1884-1951) e ao longo desta correspondência, sobretudo no período que antecede a publicação de Urupês (1918), obra de estréia de Monteiro Lobato, alguns traços relativos à sua concepção de linguagem e literatura são registrados nesta correspondência. Da mesma forma, as cartas também documentam sua formação de estilo como escritor. A pesquisa aqui proposta busca levantar e discutir tais elementos, elencando e discutindo suas leituras na época, bem como suas preocupações com questões de linguagem.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A partir da leitura de A Barca de Gleyre (1943), obra esta que reúne os quarenta anos de cartas de Monteiro Lobato (1882-1948) dirigidas ao amigo Godofredo Rangel (1884-1951), percebe-se como assuntos relacionados à Literatura freqüentemente os ocupam. É através dessas missivas que se torna possível conhecer as idéias e concepções de Lobato acerca da Literatura, e, ainda, o que vem a ser estilo para esse autor. E, ao que parece, é nos primeiros anos dessa correspondência, que ambos ensaiavam-se como leitores privilegiados e escritores.

Surge, então, o objetivo da presente pesquisa que busca estudar a formação de Monteiro Lobato como escritor durante seus anos de aprendizado literário, utilizando-se de análise da correspondência mantida por ele e Rangel entre 1903 (ano da primeira carta trocada) e 1918 (ano da publicação de Urupês), discutindo traços relativos à sua concepção de literatura, e, também, elencando suas leituras na época.

Com este objetivo, o projeto estabeleceu como metodologia a leitura de toda a correspondência lobatiana; seleção do corpus relativo ao período recortado; digitação e quando possível digitalização das cartas; organização de banco de dados dos livros mencionados e análise de alguns textos. O cronograma previsto para os seis bimestres foi cumprido: leitura extensiva da obra lobatiana, leitura de bibliografia sobre epistolografia, digitação das cartas relativas ao corpus do trabalho e algumas versões do banco de dados.

Ao longo deste projeto, foi realizada a digitação das cartas que Monteiro Lobato escreveu para Godofredo Rangel entre os anos de 1903 e 1918. O primeiro relatório registrou a digitação parcial referente ao recorte de 1903 até 1914 que totalizava 140 cartas e dois bilhetes. Ao final do segundo semestre a digitação se completou, tendo como produto

214 cartas digitadas e dois bilhetes correspondentes dos anos de 1903 à 1918.

A digitação de cartas é uma tarefa um pouco exaustiva, pois trata-se de um exercício manual e de longa duração . No entanto, ao final, é um trabalho que, além de possibilitar a outros pesquisadores a utilização dos documentos já digitados, facilitando o acesso á correspondência lobatiana, permite, ainda, ao próprio pesquisador, um aprimoramento do banco de dados produzidos ao longo desta pesquisa.

Percorrendo a infinidade de caminhos que a leitura de A Barca de Gleyre pode nos propiciar, já nos primeiros anos de correspondência, nos deparamos com um Lobato interessado em questões literárias e que parece extravasar esse seu interesse nas cartas que escreve ao amigo:

*Tua carta veio como aragem. Eu estava com saudades dum vôo e aqui não ha asas_ só se discutem coroneis politicos e namoros. E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no Travail; andava descontente comigo mesmo, com as minhas ideias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte_ todo odios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as ideias-morcego não me perseguem; e vou dar largas ao meu magisterdixismo.*¹

Este trecho mostra que, ao escrever cartas ao amigo, Lobato sente-se “aliviado”, visto que elas funcionam como um espaço de liberdade em que as asas de sua imaginação o levam para um outro mundo que vai ao encontro das próprias idéias de Rangel e fugindo da realidade trivial que os cerca.

Nesse clima, nascem as freqüentes discussões de Literatura, que acaba sendo uma espécie de elo que os une na correspondência que se estende por tantos anos.

¹ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 50. Carta de Taubaté, 20.01.1904

Ao apresentar as idéias sobre Literatura ao amigo, são constantes também as referências de Lobato ao que vem a ser estilo para ele e como este deve ser construído ao longo do tempo. É aí que se encontra o caráter documental de A Barca de Gleyre, onde se pode acompanhar a formação de Monteiro Lobato como escritor:

Estilos, estilos... Eu só conheço uma centena na literatura universal e entre nós só um, o do Machado. E, ademais, estilo é a ultima coisa que nasce num literato_ é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia propria, quando possui uma luneta só dele e para ele fabricada sob medida, quando já não é suscetível da influência por mais ninguém, quando alcança a perfeita maturidade da inteligência, então, sim, aparece o estilo. Como a côr, o sabor, e o perfume duma fruta só aparecem na plena maturação [...] Antes de nos vir o estilo o que temos é temperamento. Ha na arte do desenho um exemplo claro disso na “estilização”, duma flor, suponhamos. A flor natural é o nosso temperamento; a flor estilizada é o nosso estilo. Enquanto esse temperamento não alcança o apogeu da caracterização, não pode haver estilo [...]

Poderás, Rangel, com os elementos basicos que ha em você, ter um estilo, e certo que o terás_ mas ainda é cedo. Estás verdolengo. E o terás lindo, sobretudo se deres menos apreço às lisonjas faceis dos amigos.²

Na passagem acima, além de se conhecer de Monteiro Lobato acerca de concepções estilísticas, evidencia-se ainda a preocupação desse autor na busca de seu próprio estilo literário.

Nas cartas ao amigo, há uma certa constância na retomada a esse tema, o que nos sugere que, para o futuro autor de Urupês, estilo não é algo que surge num dado dia, é fruto de anos de aprendizado, aquisições e treino.

Meu estilo está em formação. Talvez fique em formação toda a vida. O de hoje é uma fase. Fase da Lua Cheia, talvez precursora de mais equilibrada e discreta Mingoante³.

² LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyr*. 1ºtomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 101, 102. Carta de Taubaté, 15.07.1905.

³ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2ºtomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 163. Carta de S. Paulo, 11.12.1917.

E ainda nesta mesma de 11.12.1917:

Camilo é o estilo estadulho. Dá porradas geniais! Kipling é o estilo White Label. Enebria depressa. Gorki é vodka. Derruba. E nós? Alencar é capilé com Agua Florida, bebido em “copo de leite”. Macedo é capilé com canela, bebido em caneca de folha. Bernardo Guimarães é capilé com arruda, bebido em cuia. Coelho Neto é capilé com Grecia, bebido em anfora de cabaça. Machado de Assis é capilé refinado, filtrado, purissimo, bebido pela taça da cicuta de Socrates. Afranio é capilé com acido fenico. Ruy é... Mentira! Ruy não é capilé. Euclides tambem não é_ mas se o fosse, seria capilé com geodesia. Grandes ou pequenos, bons ou maus, em todos nós o capilé perce; como transparecem em todos nós, socialmente, as taras vindas naquela nau de Tomé de Souza que nos abasteceu a estirpe com 400 degredados e 40 jesuitas.⁴

As questões referentes a estilo nem sempre são discutidas tão explicitamente nas cartas. Frequentemente, Lobato alude a tal assunto por meio de metáforas que podem, numa primeira leitura, passar despercebidas pelo leitor.

Este é o caso da carta de 15.11.1904 em que discute senso estético. Não sendo possível uma seleção de um trecho exato da carta acerca de tal questão, suas concepções sobre arte iniciam-se da seguinte forma:

[...] Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, Ilusões Perdidas? [...] Num cais melancolico barcos saem; e um barco chega, trazendo á proa um velho com o braço pendido largamente sobre uma lira_ uma figura que a gente vê e nunca mais esquece [...]. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca_ e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

Somos vitimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo_ se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós tres, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na barca de Gleyre_ com aquele mastro caído, a lira largada, a bussola sem agulha. E por que isso, Rangel? Porque em nós

⁴ Ibidem, p. 162.

*tres ha uma coisa que nos obriga a partir, a caçar a borboleta, embora certos de que o retorno será na barca de Gleyre [...]*⁵

Neste trecho, Lobato faz alusões ao quadro *Ilusões Perdidas*, pintado por Charles Gleyre (1808-1874), a seguir reproduzido:



O escritor de Urupês compara a si mesmo e ao amigo Rangel ao velho que está sentado com uma lira no canto direito da pintura. A lira, como se sabe, era um instrumento musical conhecido da Antigüidade, mas, para Lobato, tal instrumento irá assumir um valor metafórico:

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu

⁵ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 80, 81. Carta de Taubaté, 15.11.1904.

de lobatizar a minha. Inconfundibiliza-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Esquilo. Ser um Eça II ou um Esquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser nucleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

*O trabalho é todo subterraneo, inconciente; mas a Vontade ha que marcar sempre um norte, como a agulha imantada.*⁶

A partir desse momento, a referência à construção do estilo literário torna-se mais evidente, uma vez que nos é revelado o sentido que Lobato atribui ao referido: a lira eólia do **senso estético**. Para que um escritor alcance o estilo tão procurado, segundo Monteiro Lobato, tem-se que **saber sentir, saber ver, saber dizer**, só assim será possível uma cristalização do estilo tão buscado, fruto de constante apuramento estético.

Lobatizar-se, rangelizar-se e edgardizar-se são os neologismos apresentados por Lobato para mostrar que o objeto de conquista do escritor é a originalidade do estilo. Não se trata de conquistar um estilo como o do Eça de Queirós ou como o de Esquilo, mas alcançar a sua própria identidade literária. No entanto, a busca não é assim tão fácil quanto parece, e, às vezes, passa-se a vida inteira perseguindo o que Monteiro Lobato chama de **borboleta de asas de fogo**:

Esses nossos desalentos, esses nossos tedios iterativos, esses nossos desesperos, provam a favor, Rangel, não provam contra. São reflexos da misteriosa gestação subterranea [...]

Cansado de desanimar, eu não desanimo mais, depois que apanhei a causa dos meus desanimos. Trabalho ás ocultas lá no subconciente. Em que? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é_ o sonho supremo de todos os artistas. Reduzir o senso estetico a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta!

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilancia incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros numeros, carneiros dos varios rebanhos_ os rebanhos politicos, religiosos ou esteticos. Ha no mundo o odio á exceção_ e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defende-la contra todos os assaltos

⁶ Ibidem, p. 81, 82.

*da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possível que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo_ e não tem a mínima importância que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre.*⁷

A julgar pelos trechos transcritos, percebem-se as diversas alusões ao que vem a ser a construção de estilo para Lobato sem perder de vista a sua formação como escritor. Considerando-se, então, essas concepções como “implícitas”, A Barca de Gleyre constitui-se como obra de referência literária ao tratar de questões estilísticas, pois, além de apresentar conceitos tidos como próprios de uma teoria literária, mostra as inquietações que perpassam a vida de um escritor que busca a originalidade de um estilo para a sua formação como sujeito construtor de uma identidade no espaço da Literatura.

É esse cunho documental da obra em questão, reveladora dos “bastidores” da oficina de criação de um escritor, que deve ser salientado no presente projeto. No curso de sua própria construção de estilo, Lobato, além de discutir com Rangel acerca daquilo que ele julga ser estilo e como alcançá-lo, também manifesta sua opinião em relação ao estilo de outros autores que têm suas obras publicadas.

Dentre os autores “privilegiados” ou “desprivilegiados” que têm seus textos analisados por Lobato estão em destaque os franceses Émile Zola (1840 - 1902), Gustave Flaubert (1821 - 1880), Guy de Maupassant (1850 - 1893) e Alphonse Daudet (1840 - 1897); o filósofo alemão Nietzsche (1844 - 1900); os portugueses Eça de Queiros (1845 - 1900), Camilo Castelo Branco (1825 - 1890) e Luís Vaz de Camões (cerca de 1525 – 1580). Além desses, Lobato discute o estilo de escritores contemporâneos a ele como o próprio Godofredo Rangel (1884-1951), Machado de Assis (1839 - 1908) e Euclides da Cunha (1866 - 1909).

Este último tem o seu estilo meticulosamente analisado por Lobato como mostra esta carta de setembro de 1911:

⁷ Ibidem, p. 82, 83.

*Volto ao Euclides. Estive a lê-lo e pareceu-me que a sobria e vigorosa beleza do seu estilo vem de não estar cancerado de nenhum dos cancros do estilo de toda gente_ estilo que o jornalismo apurou até ao ponto-de-bala academico, tornando-o untuoso, arredondado e impessoal.*⁸

É através de dos epítetos de que se vale para caracterizar diferentes estilos que Monteiro Lobato introduz os modos estilísticos encontrados nos textos de Euclides da Cunha:

1) Euclides evita prepor o adjetivo ao substantivo, o que contraria a logica percepção cerebral. Por exemplo: “exaustivas correrias”, “pauperrimas choupanas”, “esguia palmeira”. O que na mecanica da leitura o cerebro tem de representar ao receber a impressão dum desses adjetivos (sem ter ainda recebido a impressão do substantivo posposto), é uma qualidade vaga e dissipada em extremo, capaz de mil articulações diversas: ao passo que na forma contraria_ “palmeira esguia”, por exemplo_ a impressão é de extrema nitidez e vigor; o cerebro representa a coisa indicada pelo substantivo e imediatamente a qualifica ou determina com o adjetivo posposto. Ora, em Euclides não ha adjetivos prepostos aos substantivos, ao passo que no estilo de jornal é esta a forma que predomina (“nosso inteligente colaborador”, “o distinto amigo”, a “gentil senhorita”, a “virtuosa consorte”, o “honrado comerciante desta praça”, etc.).⁹

A primeira observação refere-se a maneira como Euclides da Cunha usa os adjetivos (pospostos ao substantivo), considerada por Lobato como ideal, comparando essa utilização com a que predomina no texto jornalístico (adjetivo preposto ao substantivo), inversa à utilizada pelo autor de Os Sertões.

Outra passagem detém-se no uso dos verbos:

2) Os verbos em forma composta, essa nojenta coisa de agregar o “ter” e o “haver” ao resto da verbalhada. É outro vicio dessorante, que enfraquece o estilo com amortecer a nitidez da impressão cerebral

⁸ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 312. Carta de Taubaté, 11.09.1911.

⁹ Idem.

(“havam feito”, “tinham estado comendo”, etc.). As formas verbais simples são esplendidas de energia e Euclides só emprega as compostas quando indispensáveis. Já o estilo de jornal só quer saber das compostas, justamente porque meliflue a frase, fa-las de salão de Clube Recreativo. Abro um Minarete e encontro: “andaram percorrendo”, “tiveram começo”, “estavam reclamando”, “foram verificados”, etc. A explicação do fato é a mesma do adjetivo preposto_ dispersão, dissipação.”¹⁰

Por fim, o ultimo elemento analisado é o uso dos advérbios. Lobato sempre compara o estilo utilizado por Euclides da Cunha ao estilo jornalístico, este último visto negativamente pelo autor de Urupês:

3) Os advérbios em “mente”, outra asquerosa invenção do jornal com o fito de adocicar o estilo por causa das leitoras folhetinistas, normalistas, pianistas, feministas_ todo o hospital dos cloróticos para os quais o jornal é um pão de cada dia_ pão doce. A razão ainda é a mesma. Claro que têm mais força as formas_ “de leve”, “á larga”, “a sós”_ do que o “levemente”, o “largamente”, e o “solitariamente”. Euclides é idiosincrasico aos advérbios em mente e o estilo de jornal não quer outra coisa. Pela-se por eles.”¹¹

Portanto, em vista dos dados apresentados até o presente momento da pesquisa, uma análise da obra A Barca de Gleyre nos permite reconhecer a formação do escritor Monteiro Lobato como leitor muito atento, preparando sua futura atividade de escritor.

Ao ter como objeto de pesquisa a reflexão relativa às concepções de estilo encontradas na correspondência de Lobato para Godofredo Rangel vemos, como já se disse, que tal assunto, muitas vezes, não aparece de forma “explícita”, ou seja, não encontramos apenas menções diretas ao que vem a ser estilo para Monteiro Lobato, tais como *estilo é...*, ou, *o que eu Lobato entendo por estilo é...*

E por falar em estilo: quando deixamos a ideia correr ao fio da pena, sem nenhuma pre-concepção quanto a “maneira” ou regra e, pois,

¹⁰ Ibidem, p. 313.

¹¹ Idem.

*não procuramos “fazer estilo”, é justamente quando temos estilo.
Receita: Quem quiser estilo, jamais o procure.¹²*

Embora haja referências diretas, como a transcrita acima, a discussão do estilo transcorre, predominantemente, através de diversificadas metáforas. Estão entre elas a *lira eólia*, apresentada na carta de 15.11.1904 e, até mesmo, o estilo representado como o próprio *nariz humano*:

Estilo é como o nariz na cara: cada qual o tem como Deus o fez e não ha dois iguais. A miragem está nisto: a gente procura, por efeito de mil influências, aperfeiçoar o estilo_ aperfeiçoar o nariz. No entendimento dessa perfeição é que nos transviamos. Ha a estrada real, ampla, macadamizada, frequentadissima, e ha as picadas que podemos abrir marginalmente no matagal chapotado. Quasi todo mundo toma pela estrada e pouquissimos se metem pelas picadas. Resultado: engrossam-se as fileiras do estilo redondo e só um ou outro conserva o nariz que Deus lhe deu. Por aperfeiçoar o “estilo” temos de entender exaltar-lhe as tendencias congeniais, não conforma-lo segundo um certo padrão na moda. O estilo padrão mais em moda hoje desfecha no estilo de jornal, nessa “mesmice” que floresce, igualada no genio, na côr, no tom, no cheiro, tanto no Monitor Paraense de Belem como na Tribuna do Povo de D. Pedrito, e é o mesmo no Estado e no Correio da Manhã. Quem conduz a humanidade a esse estilo é o Mestre-Escola, é o Gramatico Letrado, são os mil “Conselheiros” que no decorrer da vida nos vão podando todos os galhos rebeldes para nos transformar naqueles tristes platanos da Praça da Republica_ arvores loucas de vontade de ser arvores de verdade.

Mas se somos bons jardineiros de nós mesmos, o que nos cumpre é matar as lagartas, extirpar os caramujinhos e brocas, afogar a terra e bem aduba-la. Em materia de poda, só a dos galhos secos. E a arvore que cresça como lá lhe determina a vocação. Isso, concordo, é aperfeiçoar o estilo. O mais desnatura-o, troca o nariz natural por um nariz de carnaval.¹³

Além disso, Monteiro Lobato constrói e expõe suas idéias acerca de estilo de uma maneira “prática”, analisando os textos de diversos

¹² LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 67. Carta da Fazenda, 07.02.1916.

¹³ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 6. Carta de Caçapava, 16.01.1915.

escritores e emitindo suas opiniões acerca deles. Além do escritor Euclides da Cunha, outros têm seu estilo comentado por Lobato, entre eles Machado de Assis (1839-1908), Fialho d'Almeida (1857-1911), Gustave Flaubert (1821-1880) e Émile Zola (1840-1902).

Assim, a discussão sobre estilo em A Barca de Gleyre não deve limitar-se apenas a uma leitura superficial que procure definições, mas deve “ler entrelinhas”. Em todo o período recortado na presente pesquisa, Lobato retorna sempre a este assunto.

Como parte fundamental de sua formação como escritor, Lobato lê *interminavelmente*, como ele mesmo escreve a Rangel. A obra A Barca de Gleyre testemunha esse período de construção literária do escritor, em que diversas obras são lidas e comentadas. Muitos nomes são referidos ao longo das cartas o que possibilitou a organização de um quadro de autores e obras mencionados entre os anos de 1903 e 1918. Este quadro anexado ao primeiro relatório referente a esta pesquisa.

A partir dos dados nele contidos foi possível elaborar uma nova versão desse quadro, verdadeiro “mapa” das leituras realizadas pelo escritor.¹⁴ Na versão anterior, a tabela foi organizada por ordem alfabética e continha informações referentes aos autores mencionados, a obra referida, página de A Barca de Gleyre, data e local da carta de referência. Já nesta outra versão houve o acréscimo de uma coluna relativa ao país de origem do autor mencionado e privilegiou-se, na impressão, não mais a ordem alfabética, mas a organização cronológica, além de serem acrescentados os anos de 1915, 1916 e 1917.

A organização cronológica da tabela foi realizada para que, dentre várias outras possibilidades, se pudesse futuramente estabelecer a relação entre o que o escritor Monteiro Lobato estava lendo em determinado ano e o que ele escrevia neste período. Este tipo de cruzamento de dados

¹⁴ O **ANEXO A** deste relatório apresenta a nova versão da tabela organizada. O programa Excel, no qual ela foi construída, permite que seus dados sejam lidos de diversas maneiras, ou seja, sob diferentes ordenações os dados que nela constam.

permite analisar o modo pelo qual as obras lidas por Lobato influenciavam na produção de seus textos e na sua construção de estilo, tendo por hipótese que autores e obras que aparecem mais constantemente funcionam como pontos de referência na formação do escritor.

A elaboração de tal tabela além de apresentar os prováveis caminhos textuais percorridos pelo jovem escritor de Urupês ao longo de sua formação. Também possibilita um delineamento do horizonte sócio cultural contemporâneo dele, correspondente as leituras disponíveis na época. A inserção da coluna referente ao país de origem do autor mencionado proporciona um outro tipo de leitura diferente do proposto anteriormente, ou seja, passa-se, então, a uma abordagem de formação de estilo relacionada a influencia de autores de cada país. Pode-se, por exemplo, discutir a origem dos textos literários que Lobato lia; a influência de outras culturas na obra lobatiana; conhecer a influência de outros países no próprio contexto literário contemporâneo de Lobato, etc.

A partir da elaboração dessa outra versão da tabela, foi possível a organização de um novo banco de dados construído ao longo deste último semestre. Trata-se de uma diferente abordagem acerca das leituras citadas por Lobato disponibilizadas nos gráficos elaborados.¹⁵

Tais gráficos foram construídos com base nas próprias citações encontradas em A Barca de Gleyre e estão organizados de acordo com o ano em que Lobato se refere ao autor e com o país de origem deste.

Para compor uma nova base de dados como esta, é possível estabelecer alguns critérios para que, de acordo com o enfoque que se quer imprimir à pesquisa, os dados possam ser melhor aproveitados. Assim, o critério adotado foi o enfoque ao país de origem do autor citado por Lobato com a finalidade de análise da influência da Literatura de outros países na construção do estilo lobatiano.

¹⁵ O **ANEXO B** deste relatório apresenta os gráficos organizados por meio do programa Excel. Permite, assim como a tabela do ANEXO A, variadas perspectivas de “leituras” dos dados contidos.

Gráficos tornam os dados mais compreensíveis graças à visualidade com que os disponibilizam, “concretizando”, por assim dizer, o valor das porcentagens.

No entanto, apesar da imagem de exatidão e rigor que dados e porcentagens gozam, muitas vezes, eles podem ser usado para a manipulação de fatos, dependendo do uso que cada um faz desse recurso. Essa questão da veracidade dos gráficos, embora esteja presente neste trabalho, não cabe no momento ser discutida uma vez que, as estatísticas estão condicionadas à mão do próprio pesquisador e ao enfoque que este pretende dar aos dados. No caso, como já mencionado neste texto, o critério escolhido para ser focalizado na elaboração do gráfico é o país de origem dos autores que Lobato cita em A Barca de Gleyre. Uma outra perspectiva certamente traria novas porcentagens e dados diferentes ao gráfico.

Ao analisar os gráficos apresentados, percebe-se que, ao longo do período recortado, o país que apresenta um maior número de autores citados por Lobato é a França, o que vai ser evidenciado no último gráfico que traz um levantamento geral de todos os anos.

A presença da cultura francesa em Monteiro Lobato analisada em A Barca de Gleyre traduz-se também pela alusão a personagens históricos como Luís XVI, Napoleão e Robespierre, entre outros; através de uso de alguns vocábulos e expressões francesas; e, principalmente, por citações de trechos de obras em francês. A passagem a seguir ilustra claramente a influencia francófona em Lobato:

Lamartine me faz ver a Revolução Francesa, com Mirabeau, Theroigne de Mirecourt, Lafayette e o resto; recita-me arengas de Lameth, Robespierre e Marat; descreve-me o carater altivo de Mme. Veto, de par com a molenguice toicinhenta de Luiz 16. Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na historia de Gervaise Coupeau, dos invejosos Lorilleux, da promissora Nanázinha. Ainda ha pouco, ao fechar o Assomoir, estava Zola a descrever-me o jantar da blanchisseuse avec un tas d'amis ouvriers, polissons pleins de gaité, de debarbouillements,

*de fripouilles emousseuses. Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da Índia primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes; e eu, assustado, fecho o livro_ fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan_ o sereno evocador da verdade. Renan é água clara e filtrada. Descansa-me.*¹⁶

Entretanto, ao considerar que Lobato nunca visitou a França, segundo seus principais biógrafos, então, como explicar a influência da cultura francesa neste escritor? O que se sabe sobre esse assunto é que tal contato com a cultura francesa ocorreu devido a própria leitura de textos originalmente escritos em francês, sendo que essa influência não deve ser considerada como um privilégio do escritor Monteiro Lobato uma vez que a sociedade da época estava contagiada de francesismos.

BEDÊ, em sua tese de mestrado, nos aponta a importância da língua francesa para o período:

*Obras de autores russos, alemães e ingleses chegaram até nos primeiros em traduções francesas. As consequências dessa mediação não foram poucas (...) De qualquer forma, esse idioma foi para nós, durante todo o século XIX e até meados do século XX, a via de acesso à grande cultura, como fôra o grego e o latim para os europeus.*¹⁷

Durante os primeiros anos das cartas enfileiradas em Barca de Gleyre, o que fica nítido nos gráficos é um Lobato que, em meio aos autores que comenta com amigo Rangel, faz alusões a representantes da Literatura Francesa em 50% dos casos. Mesmo que haja referências constantes a escritores de outros países, a predominância da influência francesa em Monteiro Lobato assume uma posição de destaque. Há momentos em que a referência a autores franceses assume um tom entusiasmático como no

¹⁶ (LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 40, 41. Carta de Taubaté, 28/12/1903).

¹⁷ BEDÊ, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e A Presença Francesa em A Barca de Gleyre*. Tese de mestrado (orientação Gilberto Passos). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

texto a seguir, que indica a leitura do livro O Lírio do Vale, de Honoré de Balzac (1799 - 1850):

*Porque Balzac_ só agora o percebi_ é o Grande Genio da literatura moderna. Compreendes? Balzac é o genio da alma moderna, como Shakespeare foi o genio da alma antiga. Penetrar, como Balzac o fez, no fundo do pensamento moderno, e pôr a nu todas as almas, quem mais que Balzac o fez? Meu entusiasmo é tanto que só tenho um conselho a dar-te: lê o Lírio no Vale e depois varre da tua cabeça o alfabeto, para que nunca mais nenhum livro venha profanar essa leitura suprema e ultima. Lê o Lírio, Rangel, e morre. Lê o Lírio e suicida-te, Rangel. Se não o tens aí, posso mandar-te o meu exemplar_ e junto o revolver.*¹⁸

Passam-se alguns anos e a França já não irradia mais sua influencia cultural em Monteiro Lobato. Eis que surge o novo modelo literário que exercerá grande influencia na obra lobatiana: Camilo Castelo Branco. É este autor de origem portuguesa que faz despertar a paixão do escritor Monteiro Lobato pelo uso aprimorado da Língua Portuguesa e a sua própria busca pela originalidade em selecionar os vocábulos que irão compor seus futuros textos :

*Vai por quatro o numero de vezes que me ponho a escrever e estarrece-se-me em meio a pena, tolhida de subita vergonha. É o caso que leio e leio e leio Camilo, com o afã dum Henry Morgan a remexer as arcas de um galeão espanhol capturado no mar dos Caraibas. Leio-o e penetro-me de Camilo, ensabão-me com as riquezas do maior sabedor da lingua d'aquem e d'alem mar, Algarves e Colonias; e, com a "descoberta" que fiz do que realmente é a lingua portuguesa, espanto-me do atrevimento da filha bastarda que vingou vicejar nestas paragens, tomou-lhe o nome e vive a dar-se como sua sucessora!*¹⁹

Nessa mesma carta, Lobato diz ao amigo, num tom até meio jocoso, que não aprendeu a Língua Portuguesa de fato, e sim uma *língua bunda*; e, ainda, confessa ter-se perdido em meio às garras da Literatura Francesa:

¹⁸ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 215, 216. Local e data desconhecidos.

¹⁹ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 285. Carta de Areias, 12.01.1910.

[...]Aprendi por cá uma língua bunda pensando que era a nobre e fidalga língua portuguesa.

Sempre vivi nesse elegante atascal da língua francesa, no qual me cevava de literaturas exóticas, eslava, britânica, escandinava e até hindustânica_ sem me lembrar que isso só deve ser permitido aos que já perlustraram a fundo as províncias da literatura pátria. E tão encrostado me pôs o longo patinhar por anos a fio nesse engano ledó e cego, que não creio em cura para o mal. Tenho sífilis no idioma, da incurável!²⁰

Em meio a tanta desilusão, Lobato parece ter encontrado a lâmpada mágica que irá iluminá-lo nesse caminho em direção ao que *verdadeiramente* seja a Língua Portuguesa:

Mas é provável que encetando agora o estudo da Grande Língua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias, que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti. Fiz vir um fardel de 50 volumes, que trago (tragar, engulir) em parcelas de meio por dia. E espero encomendas feitas a várias livrarias lusitanas, que me abasteçam de Francisco Manoel, um sujeito que deve valer muitos Stendhais e Taines. E de Almeida Garrett, o visconde resgatador de todas as alimarias viscondadas, baronadas, acondadas, marquesadas com que o moderno Portugal atravancou o mundo. E de mais Camilo, Herculano, e Tolentino, e Garção... Que coórte!

E enquanto de todos me não tornar amigo íntimo em diurno e noturno conversar, protesto não admitir amizades bárbaras (no sentido romano, isto é estrangeiras).²¹

Assim, a Literatura Portuguesa passa a ganhar importância na construção do estilo de Monteiro Lobato. Dentre diversos autores portugueses, Camilo Castelo Branco é o mais citado em A Barca de Gleyre.

A análise dessas influências culturais que marcam a vida de Lobato contituem uma reconstrução das possíveis vias percorridas por Lobato durante sua formação literária. Estudar a construção do estilo de um autor

²⁰ Idem.

²¹ Ibidem, p. 286.

é, além de conhecer suas concepções de estilo e até mesmo o uso que faz dos recursos de sua língua, saber reconhecer quais foram as influências recebidas de outros autores e até mesmo de diferentes culturas para a cristalização daquilo que estava apenas latente em sua construção como escritor.

O próprio Lobato nos revela como funcionava o processo pelo qual construía um estilo próprio a partir das às obras que lia. Aconselhando a Rangel a leitura das obras de Camilo Castelo Branco e ainda alertando como o amigo deveria “desgustar” tais livros, permite-nos como nosso escritor “dessecava” os textos:

O meu processo é anotar as boas frases, as de ouro lindo, não para rouba-las ao dono, mas para pegar o jeito de também te-las assim, próprias. Dum de seus [C. Castelo Branco] livros extrai 60 frases de encher o olho. Não releio mais esse livro_ não ha tempo_ mas releio o compendiado, o extrato, e aspiro o perfume e saboreio. Formo assim um florilegio camiliano do que nele mais me seduz as vicerias esteticas. E não discuto nem analiso, porque seria fazer gramatica, do mesmo modo que não analiso botanicamente um cravo ou uma gostosa laranja mexeriqueira. Cheiro um e como a outra.

Resumindo: meu plano é ter uma horta de frases belamente pensadas e ditas em lingua diversa da lingua bunda que nos rodeia e nós vamos assimilando por todos os poros da alma e do corpo. Um jardim de flores simpaticas á nossa estesia inconciente. No meu passeio pelas Vinte Horas de Liteira apanhei isto: Um corujão berrou no esgalho seco de um sobro. Detive-me; fiz pouso nessa frase enchedora de olhos e ouvidos. E não anotei, por que anotada ficou para sempre em meu cerebro. Não a analiso, não a comento; ponho-a apenas em uma lapela do cerebro, como pus naquele prego um ninho de beijaflor encontrado no barranco. Se Camilo houvesse dito: Uma coruja piou no galho seco de uma arvore, eu teria deixado no barranco esse ninho de beijaflor. O “berrou” é que me seduziu. Toda, vida para toda gente, as corujas piam_ só em Camilo aparece uma que berra. Lindo!

Filosofando: coletar modos de dizer, jeitos de expressão afins com esse misterioso quid, que me leva a olhar com enlevo para os brincos-de-princesa que vejo pela janela, e com arrepios de asco para uma barata que apareça. E isso apesar da ciencia que ha dentro de mim dizer que

*ambos, brinco-de-princesa e barata, são duas prodigiosas obras primas da Natureza.*²²

Finalmente, por meio de diversificadas exemplificações e análises, a presente pesquisa, no que ela realizou até agora, buscou analisar os possíveis processos de formação do escritor Monteiro Lobato. Foram apontadas várias maneiras de se estudar como se deu a formação estilística do autor, incluindo-se nelas a reconstrução dos caminhos de leituras efetuadas, por concepções de estilo explicitadas e pela apropriação de expressões e vocábulos de outros autores .

²² LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. 7ª ed São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 5, 6. Carta Caçapava, 16.01.1915.

PEDIDO DE RENOVAÇÃO DE BOLSA

O presente projeto busca continuar estudando a formação estilística do escritor Monteiro Lobato, por meio de análises cada vez mais específicas de suas cartas dirigidas ao amigo Rangel, aprimorando o banco de dados construídos ao longo desta pesquisa.

No entanto, a partir dos futuros semestres, dar-se-á ênfase aos estudos relacionados a figura de Godofredo Rangel, como já mencionado no relatório anterior. Ao longo das análises efetuadas sobre a construção do estilo de Lobato, não houve nenhum enfoque a pesquisa rangeliana, devido a própria preocupação com o cronograma apresentado no projeto inicial e tendo em vista a própria renovação da atual bolsa de Iniciação Científica.

De início, o estudo relativo ao “outro lado da Barca de Gleyre” utilizará como fonte de informações duas edições especiais do Suplemento Literário de Minas Gerais, um dos únicos documentos encontrados que traz referências ao escritor José Godofredo de Moura Rangel. Estas duas edições de 1984 foram organizadas por Márcio Sampaio e tratam-se de uma homenagem prestada ao centenário do escritor mineiro. Reúnem capítulos de romances, de contos e de obras inéditas de Rangel, além de artigos, ensaios e prefácios de obras que nos trazem informações relativas a vida e a obra do escritor de Vida Ociosa. Este suplemento ainda conta com a transcrição das únicas cartas que foram disponibilizadas pela família de Rangel para publicação.

CRONOGRAMA PARA A PRÓXIMA ETAPA

	1.bimestre	2.bimestre	3.bimestre	4.bimestre	5.bimestre	6.bimestre
Leitura extensiva da obra de Monteiro Lobato e de Godofredo Rangel	X	X	X	X	X	X
Leitura da bibliografia relativa ao projeto	X	X	X	X	X	X
Análise dos textos metalingüísticos articulando -os ao banco de dados de leituras	X	X	X			
Seleção dos textos referentes a Godofredo Rangel a serem analisados	X	X	X			
Análise dos textos referentes a Godofredo Rangel articulando -os ao banco de dados de leituras				X	X	X